
Segunda, 11 de fevereiro

Só me faltam seis meses e 28 dias para estar em condições de me aposentar. Deve fazer pelo menos cinco anos que mantenho este cômputo diário do meu saldo de trabalho. Na verdade, preciso tanto assim do ócio? Digo a mim mesmo que não, que não é do ócio que preciso, mas do direito a trabalhar no que eu quiser. Por exemplo? Jardinagem, quem sabe. É bom como descanso ativo para os domingos, para contrabalançar a vida sedentária e também como defesa secreta contra minha futura e garantida artrite. Mas temo não conseguir agüentar isso diariamente. Violão, outra hipótese. Acho que me agradaria. Mas começar a estudar solfejo aos 49 anos deve ser meio desolador. Escrever? Talvez não o fizesse mal; pelo menos, as pessoas costumam gostar das minhas cartas. E depois? Imagino uma notinha bibliográfica sobre “as notáveis qualidades deste autor estreado que beira os 50”, e a mera possibilidade me causa repugnância. Que eu me sinta, até hoje, ingênuo e imaturo (isto é, só com os defeitos da juventude e quase nenhuma de suas virtudes) não significa que tenha o direito de exibir essa ingenuidade e essa imaturidade. Tive uma prima solteirona que, quando preparava uma sobremesa, insistia em mostrá-la a todos, com um sorriso melancólico e pueril que lhe havia ficado preso aos lábios desde a época em que se exibia para o namorado motociclista, o qual depois se matou numa de nossas tantas Curvas da Morte. Ela se vestia

de maneira correta, inteiramente de acordo com seus 53; nisso, e no resto, era discreta, equilibrada, mas aquele sorriso reclamava um acompanhamento de lábios frescos, de pele roçagante, de pernas torneadas, de 20 anos. Era um gesto patético, só isso, um gesto que não chegava nunca a parecer ridículo, porque naquele rosto havia também bondade. Quantas palavras, só para dizer que não quero parecer patético.

Sexta, 15 de fevereiro

Para render passavelmente no escritório, preciso me obrigar a não pensar que o ócio está relativamente próximo. Do contrário, meus dedos se crispam e a letra redonda com a qual devo escrever os itens me sai quebrada e de-selegante. A letra redonda é um dos meus maiores prestígios como empregado. Além disso, devo confessar que me dá prazer o traçado de algumas letras como o “M” maiúsculo ou o “b” minúsculo, nas quais me permiti algumas inovações. O que eu menos odeio é a parte mecânica, rotineira, do meu trabalho: repassar um lançamento que já redigi milhares de vezes, efetuar um balanço de saldos e constatar que tudo está em ordem, que não há diferenças a buscar. Esse tipo de tarefa não me cansa, porque me permite pensar em outras coisas e até (por que não dizer a mim mesmo?) também sonhar. É como se eu me dividisse em dois entes díspares, contraditórios, independentes, um que sabe de cor seu trabalho, que domina ao máximo as variantes e os meandros dele, que está sempre seguro de onde pisa, e outro sonhador e febril, frustradamente apaixonado, um sujeito triste que, no entanto, teve, tem e terá vocação para a alegria, um distraído a quem não importa por onde corre a pena nem que coisas escreve a tinta azul que em oito meses ficará negra.

Em meu trabalho, o insuportável não é a rotina; é o problema novo, o pedido repentino dessa Diretoria fantasmal que se esconde por trás de atas, disposições e gratificações de fim de ano, a urgência com que se reclama um informe ou um balancete analítico ou uma previsão de recursos. Então, sim, como se trata de algo mais do que rotina, minhas duas metades devem trabalhar para a mesma coisa, eu já não posso pensar no que quiser, e a fadiga se instala nas minhas costas e na nuca, como um emplastro poroso. Que me importa o lucro provável do item Pernos de Pistão no segundo semestre do penúltimo exercício? Que me importa o modo mais prático de conseguir a redução das Despesas Gerais?

Hoje foi um dia feliz; só rotina.

Segunda, 18 de fevereiro

Nenhum dos meus filhos se parece comigo. Em primeiro lugar, todos têm mais energias do que eu, parecem sempre mais decididos, não estão acostumados a duvidar. Esteban é o mais arredio. Ainda não sei a quem se dirige seu ressentimento, mas o certo é que ele parece um ressentido. Creio que tem respeito por mim, mas nunca se sabe. Jaime talvez seja meu preferido, embora quase nunca possamos nos entender. Ele me parece sensível, me parece inteligente, mas não me parece fundamentalmente honesto. É evidente que existe uma barreira entre nós dois. Às vezes acho que ele me odeia, às vezes que me admira. Blanca, pelo menos, tem algo em comum comigo: também é uma triste com vocação de alegre. Quanto ao resto, é por demais ciosa de sua vida própria, impermutável, para compartilhar comigo seus mais árduos problemas. É quem fica mais tempo em casa, e talvez se sinta um pouco escrava da nossa desordem, das nossas dietas,

da nossa roupa suja. Suas relações com os irmãos às vezes chegam à beira da histeria, mas ela sabe dominar-se e, mais ainda, sabe dominá-los. Talvez, no fundo, eles se amem bastante, embora isso de amor entre irmãos traga consigo a quota de exasperação mútua que o costume provoca. Não, não se parecem comigo. Nem sequer fisicamente. Esteban e Blanca têm os olhos de Isabel. Jaime herdou dela a testa e a boca. O que Isabel pensaria se pudesse vê-los hoje, preocupados, ativos, maduros? Tenho uma pergunta melhor: o que eu pensaria, se pudesse ver Isabel hoje? A morte é uma experiência aborrecida; para os outros, sobretudo para os outros. Eu deveria me sentir orgulhoso por haver ficado viúvo com três filhos e ter conseguido seguir adiante. Mas não me sinto orgulhoso, e sim cansado. O orgulho é para quando se tem 20 ou 30 anos. Seguir adiante com meus filhos era uma obrigação, o único escape para que a sociedade não me encarasse e me dedicasse o olhar inexorável que se reserva aos pais desalmados. Não havia outra solução, e eu segui adiante. Mas tudo sempre foi por demais obrigatório para que pudesse me sentir feliz.

Terça, 19 de fevereiro

Às quatro da tarde, senti-me de repente insuportavelmente vazio. Tive de pendurar o paletó de lustrina que se usa no escritório e avisar ao Setor de Pessoal que precisava passar pelo Banco República para resolver aquele assunto do capital de giro. Mentira. O que eu não suportava mais era a parede em frente à minha escrivaninha, a horrível parede ocupada por aquela enorme folhinha com um fevereiro dedicado a Goya. O que faz Goya nessa velha casa importadora de autopeças? Não sei o que teria acontecido, se eu tivesse permanecido olhando a folhinha como

um imbecil. Talvez gritasse, ou iniciasse uma das minhas costumeiras séries de espirros alérgicos, ou simplesmente submergisse nas esmeradas páginas do Livro-Razão. Porque já aprendi que meus estados de pré-explosão nem sempre conduzem à explosão. Às vezes terminam numa humilhação lúcida, numa aceitação irremediável das circunstâncias e de suas diversas e agravantes pressões. Gosto, no entanto, de me convencer de que não devo me permitir explosões, de que devo freá-las radicalmente, sob pena de perder meu equilíbrio. Então saio como saí hoje, numa encarnçada busca do ar livre, do horizonte, de sei lá quantas coisas mais. Bom, às vezes não chego ao horizonte e me conformo com me acomodar à janela de um café e registrar a passagem de algumas pernas bonitas.

Estou convencido de que, durante o expediente, a cidade é outra. Conheço a Montevideu dos homens com horário, os que entram às oito e meia e saem às 12, os que retornam às duas e meia e vão embora definitivamente às sete. Esses rostos crispados e suarentos, esses passos urgentes e tropeçantes são meus velhos conhecidos. Mas existe a outra cidade, a das frescas moçoilas que no meio da tarde saem recém-banhadinhas, perfumadas, desdenhosas, otimistas, espirituosas; a dos filhinhos da mamãe que acordam ao meio-dia e às seis da tarde ainda trazem impecável o colarinho branco de tricolina importada; a dos velhos que tomam o ônibus até a Aduana e depois retornam sem desembarcar, reduzindo sua módica farra à simples mirada reconfortante com que percorrem a Cidade Velha de suas nostalgias; a das mães jovens que nunca saem de noite e entram no cinema, com cara de culpadas, por volta das três e meia da tarde; a das babás que denigrem suas patroas enquanto as moscas devoram as crianças; a dos aposentados e ociosos vários, enfim, que crêem ganhar o céu jogando migalhas aos pombos da praça. Esses são meus desconhecidos, ao menos por

enquanto. Estão instalados muito comodamente na vida, ao passo que eu fico neurastênico diante de uma folhinha com seu fevereiro consagrado a Goya.

Quinta, 21 de fevereiro

Esta tarde, quando eu vinha do escritório, um bêbado me deteve na rua. Não protestou contra o governo, nem disse que ele e eu éramos irmãos, nem tocou em nenhum dos incontáveis temas do pileque universal. Era um bêbado estranho, com uma luz especial nos olhos. Segurou meu braço e disse, quase apoiando-se em mim: “Sabe o que lhe acontece? Que você não vai a lugar nenhum.” Outro sujeito que passou nesse instante me fitou com uma alegre dose de compreensão e até me dedicou uma piscadela de solidariedade. Mas já faz quatro horas que estou intranquilo, como se realmente não me dirigisse a lugar nenhum e só agora o percebesse.

Sexta, 22 de fevereiro

Quando eu me aposentar, creio que não escreverei mais este diário, porque então, sem dúvida, me acontecerão muito menos coisas do que agora, e vou achar insuportável me sentir tão vazio e, ainda por cima, deixar disso um registro por escrito. Quando eu me aposentar, talvez o melhor seja me abandonar ao ócio, a uma espécie de modorra compensatória, a fim de que os nervos, os músculos, a energia aos poucos se relaxem e se acostumem a morrer bem. Mas não. Há momentos em que tenho e mantenho a luxuosa esperança de que o ócio seja algo pleno, rico, a última oportunidade de encontrar a mim mesmo. E isso, sim, valeria a pena anotar.

Sábado, 23 de fevereiro

Hoje almocei sozinho, no Centro. Quando vinha pela Mercedes, cruzei com um sujeito de marrom. Primeiro, ele esboçou uma saudação. Devo tê-lo olhado com curiosidade, porque o homem se deteve e, com alguma vacilação, estendeu-me a mão. Não era uma cara desconhecida. Era algo assim como a caricatura de alguém que eu, em outros tempos, tivesse visto com frequência. Também estendi a minha, murmurando desculpas e de certa forma confessando minha perplexidade. “Martín Santomé?”, perguntou ele, mostrando no sorriso uma dentadura devastada. Claro, Martín Santomé, mas meu desconcerto era cada vez maior. “Não se lembra da rua Brandzen?” Bom, não muito. Faz bem uns trinta anos desde aquela época, e não sou famoso por minha memória. Naturalmente, quando solteiro morei na rua Brandzen, mas, ainda que me moessem de pancada, não poderia dizer como era a fachada da casa, quantas sacadas tinha, quem morava ao lado. “E do café da rua Defesa?” Aí, sim, a névoa se dissipou um pouco e por um instante vi a barriga, com cinturão largo, do galego Álvarez. “Claro, claro!”, exclamei iluminado. “Bem, eu sou Mario Vignale.” Mario Vignale? Não me lembro, juro que não me lembro. Mas não tive coragem de confessar. O sujeito parecia tão entusiasmado com o encontro... Então respondi que sim, que me desculpasse, que eu era um péssimo fisionomista, que na semana passada me encontrara com um primo e não o tinha reconhecido (mentira). Naturalmente, era obrigatório tomarmos um café, de modo que ele me arruinou a sesta do sábado. Duas horas e 15 minutos. Obstinou-se em me reconstituir pormenores, em me convencer de que havia participado da minha vida. “Eu me lembro até da tortilha de alcachofra que sua velha fazia. Sensacional. Eu ia sempre às onze e meia, esperando que ela me convidasse para almoçar.” E

soltou uma bruta gargalhada. “Sempre?”, perguntei, ainda desconfiado. Então ele sofreu um acesso de vergonha: “Bom, fui umas três ou quatro vezes.” Afinal, qual era a porção de verdade? “E sua velha, vai bem?” “Morreu há 15 anos.” “Caralho. E seu velho?” “Morreu há dois anos, em Tacuarembó. Estava morando na casa da minha tia Leonor.” “Devia estar idoso.” Claro que ele devia estar idoso. Deus do céu, que chatice. Só então ele formulou a pergunta mais lógica: “E você, acabou se casando com Isabel?” “Sim, e tenho três filhos”, respondi, encurtando o caminho. Ele tem cinco. Que sorte. “E como vai Isabel? Sempre bonita?” “Morreu”, respondi, fazendo a cara mais imperscrutável do meu repertório. A palavra soou como um disparo e ele — ainda bem — ficou desconcertado. Apressou-se em terminar o terceiro café e, em seguida, olhou o relógio. Há uma espécie de reflexo automático nisso de falar da morte e em seguida olhar o relógio.

Domingo, 24 de fevereiro

Não tenho saída. A conversa com Vignale me deixou uma obsessão: recordar Isabel. Já não se trata de resgatar sua imagem por meio das historinhas familiares, das fotografias, de algum traço de Esteban ou de Blanca. Conheço todos os seus dados, mas não quero sabê-los de segunda mão, e sim recordá-los diretamente, vê-los em todos os detalhes diante de mim, assim como vejo agora minha cara no espelho. E não consigo. Sei que os olhos dela eram verdes, mas não consigo me sentir diante de seu olhar.

Segunda, 25 de fevereiro

Encontro meus filhos muito pouco. Nossos horários nem sempre coincidem, e nossos planos ou nossos interesses,

menos ainda. Eles são corretos comigo; mas como, além disso, são terrivelmente reservados, sua correção sempre parece o mero cumprimento de um dever. Esteban, por exemplo, está sempre se contendo para não discutir minhas opiniões. O que nos separa será a simples distância geracional, ou eu poderia fazer algo mais para me comunicar com eles? Em geral, acho-os mais incrédulos do que desatinados, mais fechados do que eu, quando tinha a mesma idade.

Hoje jantamos juntos. Fazia provavelmente uns dois meses que não estávamos todos presentes num jantar familiar. Perguntei, em tom de brincadeira, que acontecimento festejávamos, mas não houve eco. Blanca me olhou e sorriu, como se quisesse me comunicar que compreendia minhas boas intenções, e mais nada. Passei a registrar quais eram as escassas interrupções do consagrado silêncio. Jaime disse que a sopa estava insossa. “O sal está bem aí, a 10 centímetros da sua mão direita”, retrucou Blanca, e acrescentou, ferina: “Quer que eu lhe passe?” A sopa estava insossa. É verdade, mas por que aquilo? Esteban informou que, a partir do próximo semestre, nosso aluguel vai aumentar 80 pesos. Como todos contribuímos, a coisa não é tão grave. Jaime começou a ler o jornal. Acho ofensivo que as pessoas leiam quando comem com a família. Disse isso a ele. Jaime largou o jornal, mas foi o mesmo que se tivesse continuado a ler, porque continuou sisudo, distante. relatei meu encontro com Vignale, tentando ridicularizá-lo para trazer ao jantar um pouco de animação. Mas Jaime perguntou: “Quem é esse Vignale?” “Mario Vignale.” “Um sujeito meio careca, de bigode?” Ele mesmo. “Conheço. Bela peça”, disse Jaime, “é colega de Ferreira. Tremendo achacador.” No fundo, agrada-me que Vignale seja uma porcaria, assim não tenho escrúpulos em me livrar dele. Mas Blanca perguntou: “Com que então, ele se lembrava de mamãe?” Achei que Jaime ia di-

zer alguma coisa, creio que moveu os lábios, mas decidiu ficar calado. “Sorte dele”, acrescentou Blanca, “eu não me lembro.” “Mas eu, sim”, disse Esteban. Como será que ele se lembra? Como eu, com recordações de recordações, ou diretamente, como quem vê o próprio rosto no espelho? Será possível que ele, que só tinha 4 anos, possua a imagem, e que a mim, em contraposição, a mim, que tenho registradas tantas noites, tantas noites, tantas noites, não reste nada? Fazíamos amor no escuro. Talvez seja por isso. Seguramente, é por isso. Tenho uma memória tátil dessas noites, e esta, sim, é direta. Mas e o dia? Durante o dia, não estávamos no escuro. Eu chegava do trabalho cansado, cheio de problemas, talvez furioso com a injustiça daquela semana, daquele mês.

Às vezes fazíamos contas. Nunca chegava. Talvez olhássemos demais os números, as somas, as sobras, e não tivéssemos tempo de nos olhar. Onde ela estiver, se é que está, que lembrança terá de mim? Afinal, a memória importa alguma coisa? “Às vezes me sinto infeliz, só por não saber do que tenho saudade”, murmurou Blanca, enquanto repartia os pêssegos em calda. Couberam três e meio para cada um.

Quarta, 27 de fevereiro

Hoje entraram para o escritório sete empregados novos: quatro homens e três mulheres. Tinham umas esplêndidas caras de susto, e de vez em quando dirigiam aos veteranos um olhar de respeitosa inveja. A mim, couberam dois pirralhos (um de 18 e outro de 22) e uma moça de 24 anos. Portanto, agora sou totalmente chefe: tenho nada menos que seis funcionários sob minhas ordens. Pela primeira vez, uma mulher. Sempre desconfiei delas em matéria de números. Além disso, outro inconveniente: du-

rante os dias do período menstrual, e até mesmo nos que os antecedem, se normalmente forem espertas, elas ficam meio atarantadas; e se normalmente já forem atarantadas, tornam-se completamente imbecis. Esses “novos” que entraram não parecem ruins. O de 18 anos é o que menos me agrada. Tem um rosto sem força, delicado, e um olhar fugidio e ao mesmo tempo adulator. O outro é um eterno descabelado, mas tem um aspecto simpático e (ao menos por enquanto) uma evidente vontade de trabalhar. A mocinha não parece ter tanta vontade, mas pelo menos compreende o que a gente explica; além disso, tem testa larga e boca grande, dois traços que, em geral, me causam boa impressão. Chamam-se Alfredo Santini, Rodolfo Sierra e Laura Avellaneda. Vou deixar com eles os livros de mercadorias e com ela o Auxiliar de Resultados.

Quinta, 28 de fevereiro

Esta noite conversei com uma Blanca quase desconhecida para mim. Estávamos sozinhos, depois do jantar. Eu lia o jornal e ela jogava paciência. De repente ficou imóvel, com uma carta erguida no alto, e seu olhar era ao mesmo tempo perdido e melancólico. Vigiei-a durante alguns instantes; em seguida, perguntei em que pensava. Ela então pareceu despertar, dirigiu-me um olhar desolado e, sem conseguir se conter, afundou a cabeça entre as mãos, como se não quisesse que ninguém profanasse seu pranto. Quando uma mulher chora diante de mim, eu me torno indefeso e, ainda por cima, desajeitado. Fico desesperado, não sei como lidar com aquilo. Desta vez, segui um impulso natural: me levantei, me aproximei dela e comecei a lhe acariciar a cabeça, sem dizer palavra. Aos poucos ela foi se acalmando e as convulsões chorosas se espaçaram. Quando, por fim, baixou as mãos, sequei-lhe os olhos e

lhe assoei o nariz com a metade não usada do meu lenço. Nesse momento, ela não parecia uma mulher de 23 anos, mas uma menininha, momentaneamente infeliz porque uma de suas bonecas se quebrou ou porque não a levaram ao zoológico. Perguntei se se sentia descontente e ela respondeu que sim. Perguntei o motivo e ela disse que não sabia. Não estranhei muito. Eu mesmo, às vezes, me sinto infeliz sem motivo concreto. Contrariando minha própria experiência, comentei: “Oh, alguma coisa deve haver. Ninguém chora por nada.” Ela então começou a falar atropeladamente, impelida por um desejo repentino de franqueza: “Tenho a horrível sensação de que o tempo passa e eu não faço nada, e nada acontece, e nada me move até a raiz. Vejo Esteban e vejo Jaime e tenho certeza de que eles também se sentem descontentes. Às vezes (não se aborreça, papai), também olho para você e penso que não gostaria de chegar aos 50 anos e ter sua têmpera, seu equilíbrio, simplesmente porque os considero sem relevo, gastos. Sinto em mim uma grande disponibilidade de energia, e não sei em que empregá-la, não sei o que fazer com ela. Acho que você se resignou a ser opaco, e isso me parece horrível, porque eu sei que você não é opaco. Pelo menos, não era.” Respondi (que outra coisa eu poderia dizer?) que ela estava com a razão, que fizesse o possível para se desligar de nós, de nossa órbita, que me agradava muito vê-la gritar esse inconformismo, que me parecia estar escutando um grito meu, de muitos anos atrás. Ela então sorriu, disse que eu era muito bom e jogou os braços ao meu pescoço, como antes. É uma menininha ainda.

Sexta, 1^o de março

O gerente chamou os cinco chefes de seção. Durante três quartos de hora, falou-nos do baixo rendimento

do pessoal. Disse que a Diretoria lhe fizera chegar uma observação nesse sentido, e que no futuro não estava disposto a tolerar que, por causa da nossa negligência (como gosta de acentuar “negligência”!), sua posição se visse gratuitamente afetada. Portanto, de agora em diante, etc. etc.

O que será que eles chamam de “baixo rendimento do pessoal”? Eu, pelo menos, posso dizer que meus funcionários trabalham. E não somente os novos, os veteranos também. É certo que Méndez lê romances policiais habilmente acondicionados na gaveta central da sua escrivaninha, enquanto sua mão direita empunha uma caneta sempre atenta à possível entrada de algum hierarca. É certo que Muñoz aproveita suas saídas até a Inspetoria de Rendas para surrupiar à empresa vinte minutos de ócio diante de uma cerveja. É certo que Robledo, quando vai ao banheiro (exatamente às 10h15), leva escondido sob o guarda-pó o suplemento em cores ou a página de esportes. Mas é também certo que o trabalho está sempre em dia, e que, nas horas em que o trâmite se acelera e a bandeja aérea do Caixa viaja sem cessar, repleta de faturas, todos se afanam e trabalham com verdadeiro sentido de equipe. Cada um, em sua reduzida especialidade, é um entendido, e posso confiar plenamente em que as coisas estão sendo bem-feitas.

Na realidade, sei muito bem qual era o destinatário do aperto do gerente. A “Expedição” trabalha sem vontade e, além disso, executa mal sua tarefa. Todos sabíamos hoje que o sermão era para Suárez, mas então, para que chamar-nos todos? Que direito tem Suárez a que compartilhemos sua culpa exclusiva? Será que o gerente sabe, como todos nós, que Suárez se deita com a filha do presidente? Não é de se jogar fora, essa Lidia Valverde.

Sábado, 2 de março

Ontem à noite, depois de trinta anos, voltei a sonhar com meus encapuzados. Quando eu tinha 4 anos ou até menos, comer era um pesadelo. Então minha avó inventou um método realmente original para que eu engolissem sem maiores problemas a batata amassada. Ela vestia um enorme impermeável do meu tio, colocava o capuz e uns óculos escuros. Com esse aspecto, aterrorizante para mim, vinha bater à minha janela. A empregada, minha mãe, alguma tia, diziam então em coro: “Chegou *don* Policarpo!” *Don* Policarpo era uma espécie de monstro que castigava as crianças que não comiam. Paralisado no meu próprio terror, eu só tinha forças para mover as mandíbulas numa velocidade incrível e assim acabar com o insosso e abundante purê. Era cômodo para todo mundo. Ameaçar-me com *don* Policarpo equivalia a apertar um botão quase mágico. No final, aquilo se tornara uma diversão famosa. Quando chegava uma visita, era trazida até o meu quarto para assistir aos engraçados pormenores do meu pânico. É curioso como às vezes se pode chegar a ser tão inocentemente cruel. Porque, além do susto, havia minhas noites, minhas noites cheias de encapuzados silenciosos, estranha espécie de Policarpas que sempre estavam de costas, rodeados por uma bruma espessa. Sempre apareciam em fila, como que esperando a vez para ingressar no meu medo. Nunca pronunciavam uma só palavra, mas moviam-se pesadamente numa espécie de balanço intermitente, arastando suas túnicas escuras, todas iguais, pois era isso o que o impermeável do meu tio fizera. Era curioso: em meu sonho, eu sentia menos horror do que na realidade. E, à medida que passavam os anos, o medo ia se transformando em fascinação. Com aquele olhar absorto que a gente costuma ter sob as pálpebras do sonho, eu assistia como que hipnotizado àquela cena cíclica. Às vezes, em